

PARTE I

CAPÍTULO 1

O dia estava ensolarado em Lisboa, naquele sábado, dia 25 de Novembro do ano de 1858. Fazia frio e o céu apresentava-se de um azul muito intenso e bonito, o azul Lisboa, como Thomas nunca tinha visto na sua Londres acinzentada. O barco atracara frente a uma Lisboa de casas brancas, também ausentes da sua Londres, de casas cor de tijolo. Tudo lhe parecia diferente. Só as gaiotas que cruzavam, em bandos, o azul do céu, não lhe eram desconhecidas. Thomas sentia-se maravilhado. Parara junto à amurada do navio olhando para todo aquele casario que descia as colinas até aos sopés e se prolongava, depois, até ao rio. Como era diferente da Londres, tão plana e monótona! Tinha-se esquecido de tudo, até que um conterrâneo seu, mal encarado, lhe gritou para andar e não entupir o caminho para as escadas de saída do “Alhambra”, assim se chamava o vapor da Peninsular Steam Navigation Company que partiu de Southampton. Thomas retomou então a marcha em direcção às escadas de saída. Um representante da empresa mineira inglesa aguardava-o no cais.

Teve de passar pela alfândega, onde lhe exigiram que abrisse as malas. Thomas assim o fez, suspenso do que lhe diria o funcionário da alfândega, um indivíduo magro de faces encovadas, que faziam sobressair o carregado bigode preto.

– *Para onde vai?* – perguntou o funcionário.

– *What?*

– *Ó Américo, chega aqui que este gajo é inglês ou coisa parecida!*

Thomas não percebia o que se passava, mas sentia-se inseguro.

Um outro funcionário aproximou-se dos dois e, dirigindo-se a Thomas, interrogou-o, em inglês:

– *Para onde vai?*

– *Fico em Portugal.* – respondeu Thomas

– *Sim, mas onde, em Portugal?*

– *Oh, estou a ver! Vou para Borba.*

– *Borba? Nem sei onde isso fica.* – comentou o senhor Américo.

– *Tu sabes onde fica Borba?* – perguntou o senhor Américo ao colega.

– *Acho que é uma povoação qualquer, lá para o Alentejo.* – respondeu o colega.

– *E o que é que vai para lá fazer?* – perguntou o senhor Américo, dirigindo-se a Thomas.

– *Vou trabalhar como empregado numa mina.* – respondeu Thomas.

– *Tem cá em Portugal alguém conhecido?*

– *Não, mas foi-me indicado um cidadão inglês, que vive cá.*

– *Sim? E como é que ele se chama?*

– *Flemming.*

– *Flemming?* – quis confirmar o senhor Américo, enquanto tentava escrever esse nome.

– *Sim, Fleming. Eu mostro como se escreve.*

Thomas escreveu a lápis, num papel, o nome Fleming.

– *E sabe onde é a morada dele?*

– *Não, isso não sei. Só sei que vive em Lisboa.*

– *E qual vai ser a sua morada em Borba?*

– *Um momento por favor.*

Thomas estava atrapalhado. Não sabia, e disse-o ao senhor Américo.

– *Não sabe para onde vai residir?*

– *Não, mas quando chegar a Borba procurarei uma pensão onde me instalarei até arranjar uma casa.* – respondeu Thomas que, rapidamente, encontrou uma hipotética solução para ultrapassar o imbróglio.

– *E onde vivia em Inglaterra?*

– *Em Londres.*

– *A morada.*

– *A morada? Antes de embarcar?*

– *Sim, a última morada.*

– *Rochester Street 28, Westminster.*

– *Escreva lá isso, por favor.*

Thomas escreveu num papel que lhe deram para a mão.

– *Bom, vou confiar em si, senhor..... Thomas.* – disse o funcionário Américo, enquanto procurava, no respectivo passaporte, o nome daquele inglês que tinha à sua frente.

Virando-se para o colega, solicitou-lhe:

– *Põe lá o carimbo no passaporte, e, como destino, regista Borba. Diz que vai para uma pensão e que conhece um outro conterrâneo seu, aqui em Lisboa, mas de quem não sabe a morada. Acho que não vai haver problema. Mesmo que houvesse, temos aqui o número do seu passaporte, o 811.*

– *Deus é grande.* – comentou o colega, enquanto punha o carimbo e registava o nome, o número do passaporte, o destino de trabalho e a data.

– *Pode ir. E boa sorte*

Thomas suspirou de alívio. Por momentos suspeitou que não conseguiria entrar em Portugal. Demorou ainda um pouco mais de meia hora.

Já cá fora, Thomas procurou, nos bolsos do amarrotado casaco que vestia, o papel onde havia escrito, em letra de imprensa, bem grande, o seu nome, Thomas Poole. Exibiu-o no ar, de braço estendido, enquanto, lentamente, ia rodando sobre si próprio. Pouco depois, um indivíduo alto, bigode e cabelo arruivado, olhos azuis leitosos, abordou-o:

– *Apresento-me. Sou Richard Flemming. Como vai? Fez uma boa viagem?*

– *Muito prazer. Fiz boa viagem, obrigado. Agora, com os vapores, as viagens são mais cómodas e mais rápidas. E ainda fizemos escala em Vigo e no Porto. Para mim, o incómodo maior esteve na viagem entre Londres e Southampton.*

– *Bom! Agora há que apanhar as suas malas de porão, após o que o deixarei numa pensão, onde amanhã às 6 h da manhã o irei buscar.*

– *Com certeza. É melhor acertar já o meu relógio pelo seu.*

O sr. Richard mostrou o relógio a Thomas, que acertou o seu.

– *Dou-lhe agora o nome e o endereço da pensão.* – informou o sr. Richard, que entregou a Thomas um papel com os referidos dados. Tratava-se de uma pensão na Rua da Palma.

– *Obrigado. Fala Português, senhor Flemming?* – perguntou Thomas

– *Nem por isso, mas faça-me compreender. O Português é uma língua nada fácil. E, para dificultar ainda mais a comunicação, por aqui ninguém fala Inglês.*

Enquanto sentados frente a frente na caleche que, aos solavancos pelas ruas empedradas, se dirigia para a rua da Palma, Richard ia explicando a Thomas as condições de trabalho que o esperavam na mina.

– *Você, Thomas, vai ficar alojado numa pequena e antiga povoação situada no Sul, não longe da fronteira com Espanha, chamada Borba.*

– *Peço desculpa, mas o nome da povoação já sabia. Tinha-mo dito o nosso amigo comum, em Londres.* – interrompeu Thomas.

– *Tudo bem. Ficará então aí alojado, em casa própria que a empresa, em Londres, arranjou especialmente para si. A mina não é longe da povoação e o escritório fica no compartimento do armazém. É nesse escritório que trabalhará. Todos os dias o irão buscar e pôr em casa, ou, se preferir, utilizará um cavalo que lhe será dispensado.*

Thomas escutava atentamente o sr. Richard. Não podia formular qualquer opinião sobre o que ele dizia. Para isso, teria de conhecer a realidade do cenário descrito pelo sr. Richard. De vez em quando, Thomas desviava

o olhar para o que se passava à volta da caleche. As pequenas lojas sucediam-se. Tabernas, carvoarias, drogarias, vendas de peixe, retrosarias, serralharias, marceneiros, ferreiros. Quase todas as mulheres vestiam de preto e usavam lenço ou touca na cabeça, quase sempre descalças. E as pessoas com que a caleche se ia cruzando aguçavam-lhe a curiosidade. Era a sua estatura baixa, a cor da pele, morena, uma fisionomia e uma maneira de vestir, geralmente carregadas. Thomas ia pensando como se iria dar com estas gentes.

– *Está a gostar do que vê?* – perguntou o sr. Richard.

– *É diferente. Prefiro a vista a partir do convés do vapor. Mas do que não gosto mesmo é deste nauseabundo cheiro que, por vezes, me sobe pelas narinas acima*

– *Vai ter de se habituar. É assim por todo o lado. Mas o actual rei Português, Pedro, Pedro V, é muito benquerido pelo povo e tem feito algumas coisas em prol do desenvolvimento do país. Olhe ali, depressa. Está a ver a mulher à janela a mandar a água do balde para a rua? Isto é frequente. E, claro, não é água limpa. Algumas ainda avisam quem vai na rua. Quando ouvir “água vai”, corra logo para se afastar.*

– *Meu Deus!*

– *Mas agora, sr. Thomas, olhe para o outro lado, para o rio. É bem mais bonito, não acha?*

Thomas virou-se para o rio. Era um cenário belo. Em Londres, vivia perto do Tamisa. Era frequente passar ao seu lado ou atravessá-lo. Adorava-o. Sempre se sentiu incapaz de viver sem ele na sua proximidade. Mas agora, este Tejo é soberbo. A miríade de barcos, grandes e pequenos, que o pejavam, com as suas velas ao vento, era o início do grande sonho que tinha construído quando aceitou vir para Portugal.

– *Belo!* – exclamou Thomas.

Entretanto, o sr. Richard prosseguiu:

– *Aviso-o, desde já, que, para a região para onde vai, faz muito calor no Verão, o que para nós é incómodo. Tem de se habituar pouco a pouco.*

– *E chove?* – perguntou Thomas.

– *Pouco. Nunca no Verão. Só no Inverno e, por vezes, no Outono.*

A caleche começou a infletir para o interior da cidade, deixando o rio.

– *Esta cidade é bonita e feia, ao mesmo tempo. E deve ser muito antiga.* – comentou Thomas.

– *É verdade. Mas também foi uma cidade muito rica, há uns séculos atrás. Nessa época, Lisboa era quase como que o centro comercial da Europa, embora o povo raramente sentisse essa riqueza. Só a via.*

– *Quem será o meu superior na mina?* – perguntou Thomas.

– *O seu superior directo será o administrador. Mas haverá alguém, mais próximo de si, que, não tendo poderes sobre si, gostará de exercer algum controlo. É um Português. Acho que o seu nome é Wenceslau Casimiro. Mas claro, ele próprio, tem de se subordinar à nossa empresa, ao Director da mina. Mas, como lhe disse, ele não é exactamente um seu superior, embora tenha de ter controlo sobre os seus horários. É capataz e trabalhou alguns anos com o Director noutras minas. Tem a vantagem de falar inglês. Sabe que é sempre uma boa política metermos nas nossas explorações mineiras, no estrangeiro, nacionais dos países em que se situam as minas. Dá aos governos desses países a sensação de que mandam e lucram alguma coisa com essas explorações.*

Thomas anuiu, sorrindo.

A pensão situava-se no primeiro dos três andares que constituíam aquele velho prédio. O cocheiro ajudou a transportar as malas de Thomas, pelas íngremes escadas de madeira, que chiavam com o peso da bagagem. O sr. Richard Flemming despediu-se de Thomas e retomou o seu lugar na caleche.

– *Amanhã diga-me quais foram as suas despesas com a refeição de hoje, para eu lhe pagar. E não se esqueça, aqui à porta, às 6h da manhã. Vou levá-lo até ao cais onde tomará um barco até ao outro lado do rio, de onde partirá para Borba. Prepare as malas para isso.* – avisou o sr. Richard.

Thomas sentou-se no bordo da cama de ferro. Há já muito tempo que não descansava um pouco. Tinha 24 anos, mas, desde que saíra de Londres, ainda não tinha tido um minuto de sossego e sentia-se cansado. No vapor dormira muito mal. Fosse pela agitação do mar, fosse pelo barulho das máquinas, as noites foram quase que passadas em branco.

Despiu-se e estendeu-se na cama. E as dúvidas começaram a assaltá-lo. No fim de contas, era um ciclo da sua vida que se fechava e outro que começava. O ciclo que se fechava nem sempre lhe trouxe bons momentos. Os pais pouco lhe ligavam. A mãe Elizabeth era pouco atenta para com ele. Gostava da boa vida e tinha muitas discussões com o pai de Thomas, John. Talvez por isso, Thomas preferia o pai à mãe. John era, na altura, “courier”, tal como o seu pai Edward Poole, fazendo serviços de entregas que lhe retiravam muito tempo para poder estar presente, junto da mulher e do filho. Havia noites em que nem aparecia em casa. Thomas sentia essa ausência enquanto miúdo, mas, à medida que crescia e se tornava adulto, foi sendo mais compreensivo para com o pai. John tinha sido casado, mas a mulher morrera. Juntou-se então a Elizabeth Reader, tendo Thomas

nascido dessa união. Só mais tarde se casaram, em 1843, tinha a sua mãe 50 ou 51 anos. Estendido numa cama de uma pensão na desconhecida Lisboa, Thomas recordava esse dia, porque foi dos poucos dias em que viu pai e mãe juntos e, aparentemente, felizes. Casaram na anglicana St. John em Hackney, onde todos viviam, na movimentada Morning Lane, a poucos minutos da igreja. Que lhe sucederia a partir de agora, num país totalmente desconhecido, ele, que não tinha nem mulher nem filhos? E num país que lhe parecia demasiado pobre.

Os pensamentos de Thomas foram interrompidos por dois fortes batimentos na porta do quarto.

Era o dono da pensão. Não se entendiam no que diziam, mas foi fácil a Thomas perceber que aquele homem, barrigudo e de bigode farfalhudo, lhe estava a entregar a chave da porta, já que Thomas havia-se esquecido de a pedir.

– *Thank you* – agradeceu Thomas.

– *Tá bem!* – respondeu o homem que bateu a porta de forma desastrada.

Thomas percebeu que estava com fome e arriscou ir à procura de um lugar onde se comesse. Não foi preciso andar muito até chegar a uma casa de pasto. Entrou e sentou-se ao balcão. A sala estava razoavelmente ocupada. Olhou à volta e o que comiam ao seu lado chamou-lhe a atenção. O cozinheiro veio junto de Thomas e este apontou para o prato ao lado. O cozinheiro, que ainda não descobrira que Thomas não falava português, perguntou:

– *Quer então “poimbas com jorichas”?*

Depois de alguma confusão, o cozinheiro conclui que era a “poimba” que Thomas parecia querer.

Para além do prato pedido, o cozinheiro levou também vinho e pão.

Thomas estava, assim, a tomar contacto com a gastronomia portuguesa. O vinho arranhou-lhe a garganta, mas não sabia como pedir cerveja, de que desistiu de beber. Quanto ao resto, não comeu tudo.

O pagamento foi fácil. Thomas pôs várias moedas e notas sobre a bancada e foi daí que o cozinheiro se pagou. Mas anotou quanto pagou.

Thomas nada dormiu, nessa noite. Estendido na cama, os receios afastavam-lhe o sono. Aliás, nem tinha quem o acordar e não podia estar a dormir quando o sr. Richard Flemming chegasse, de madrugada. Na rua havia sempre alguém que fazia barulho. Discussões e bebedeiras ouviam algumas. Levantou-se outras tantas vezes. As ferraduras das mulas e cavalos ecoavam na noite. O tempo passava devagar. Thomas não tinha nada a despir nem a vestir, excepto o casaco e os botins, uma vez que se deitara

vestido com a roupa da rua. Assim perderia menos tempo quando saísse da pensão.

Às seis em ponto, o sr. Richard chegava à pensão. Por entre os cortinados da janela, Thomas viu-o chegar. Desceu de imediato com a bagagem.

– *Bom dia Thomas*

– *Bom dia sr. Richard.*

– *Vamos então? Não se preocupe com o pagamento da pensão. Já o fiz ontem.*

– *Obrigado.*

– *Não tem nada a agradecer. É a companhia que paga. E, já agora, fez gastos ontem?*

– *Comi às 7 horas da noite e anotei quanto paguei.* – respondeu Thomas, estendendo a folha ao sr. Richard.

– *Faz juz à sua profissão de fiel de armazém, sr. Thomas.*

Riram-se ambos.

Na caleche, o sr. Richard entregou alguns manuscritos a Thomas. Nele estavam anotadas algumas informações que seriam úteis a Thomas. Entre elas constava a tradução de inglês para português de diversos vocábulos de que Thomas poderia ter necessidade. Constava também o percurso. Nele se explicava que Thomas aportaria à margem sul do Tejo numa povoação chamada Aldeagalega¹ e que aí tomaria a malaposta pela estrada real até Alcaraviça onde deveria sair. Borba ficava a meia légua.

– *O sr. Richard sabe dizer-me quanto tempo leva a viagem?* – perguntou Thomas.

– *Depende, mas pode contar com umas vinte a vinte e cinco horas, incluindo as mudas e as refeições.*

– *Quando chegar a Borba, deve dirigir-se para a sua casa, na rua da Colla, como já lhe disse ontem. A chave estará no exterior da porta ou por lá perto. No dia seguinte deverá esperar por quem o vá buscar a casa e que depois o conduzirá até à mina. Começará então o seu trabalho. A adaptação às unidades de medidas portuguesas vai levar algum tempo. Os fornecedores portugueses não vão usar as nossas medidas, pode ter a certeza. Mas o sr. Wenceslau Casimiro vai ajudá-lo. Tem aqui algum dinheiro, pago pela companhia, cujo valor será depois abatido ao que for contratado consigo. Se tiver alguma dificuldade, procure o boticário. As gentes da mina são clientes frequentes e o homem trata bem o pessoal da mina.*

¹ Aldeagalega – antigo nome de Montijo.

E, dizendo isto, o sr. Richard entregou um maço de notas a Thomas que, de imediato, o guardou num bolso do casaco.

– *Uma coisa mais, sr. Thomas. Se quiser enviar qualquer carta, tem de comprar o respectivo selo, já que a utilização de selos em Portugal começou exactamente há 5 anos. Portanto, agora, quem paga o correio é o remetente e não o destinatário.*

– *Como em Inglaterra, desde 1840. Comecei a guardar os selos das cartas que o meu pai ia recebendo.* – comentou Thomas.

– *Outra coisa, o ano passado e este ano, tem grassado em Lisboa uma epidemia de febre amarela. Teve a sorte de ninguém se queixar de febre, a bordo do vapor. Se isso tivesse acontecido, você estaria agora a caminho da outra margem do rio onde seria obrigado a ficar de quarentena. E olhe que não seria nada agradável, segundo diz toda a gente. Na zona para onde vai trabalhar, não há febre amarela. Ainda assim, tenha cuidado.*

Chegados ao cais de embarque, Thomas e o sr. Richard Flemming despediram-se com um aperto de mão firme.

– *Não tema o futuro. Vai correr tudo bem.* – desejou o sr. Richard Flemming.

– *Agradeço os votos.* – respondeu Thomas.

Thomas entrou num pequeno barco, que não teria mais de que umas cinco braças e meia, de comprimento, com duas velas triangulares latinas. Acomodou-se o melhor que conseguiu. A embarcação ia lotada e transportava também alguma pequena carga. Não chovia, mas, começada a navegação, o vento fez-se sentir e a sensação de frio apertou. Eram dois tripulantes. Thomas nada compreendia do que eles gritavam. A ondulação, ao chegarem a meio do rio, aumentou bastante e todo o barco era varrido pelos salpicos constantes das ondas. As roupas que os passageiros vestiam estavam já molhadas, aumentando a sensação de frio. As gaiotas, indiferentes ao que se passava na falua, cruzavam o céu, grassando nervosamente. Dirigiam-se para um barco carregado de peixe. Àquela hora, era já intenso o movimento de barcos, saindo uns para o mar, vindos outros de lá, subindo alguns o Tejo, certamente até ao Carregado e outros ainda, ligando as duas margens. Thomas ignorava por completo que a foz do Tejo fosse tão movimentada e o seu espanto afugentou o frio. Finalmente, o barco chegou a Aldeagalega, na outra margem. Seria daí que partiria, na mala-posta, para o sul. Mostrou a um dos tripulantes o papel deixado pelo sr. Richard Flemming, apontando para a frase “Mala-posta para Badajoz”. Mas o tripulante não sabia ler e berrou alto por quem sabia ler. Um indivíduo, com um ar de certa distinção, aproximou-se. O tripulante perguntou-lhe

então o que estava escrito. Só depois disso conseguiu explicar a Thomas, por gestos, onde ficava a estação de início da carreira da mala-posta.

Foi com dificuldade que Thomas chegou à Quinta das Postas. Receava perder a mala-posta, mas ainda havia gente a subir para a carruagem. A empresa dera-lhe o dinheiro para comprar um lugar em 1.^a classe. Thomas ainda foi tentado a comprar uma 2.^a classe, por forma a ficar com a diferença. Mas rapidamente abandonou a ideia. Eram muitas horas de caminho e em 2.^a classe teria de ir no exterior da cabine, sujeito ao vento, ao pó e, quem sabe, à chuva. Mas Thomas teve de pagar o excesso de peso da bagagem.

Eram quatro pessoas que faziam companhia a Thomas. Tratava-se de um casal com um filho pequeno e de um homem de meia idade. Sobrava apenas um lugar. Todos se cumprimentaram. Quando saudaram Thomas, este respondeu com um enrolado “obrigado”. De imediato, perceberam que Thomas era estrangeiro, talvez inglês. Os olhares passaram a ser de esgelha. Nos Portugueses, ainda estavam presentes os conflitos havidos com a Inglaterra, cujos cidadãos, ainda para mais, eram aqui vistos como heréticos, não seguindo os preceitos da santa igreja católica romana. Umhas décadas atrás, não foram raros os súbditos ingleses alvo de sevícias e ameaças de morte, concretizadas nalguns casos, em Portugal, por questões religiosas. Thomas ignorava-o, mas os seus companheiros de viagem sabiam-no. Mas sabiam também que as relações com o Reino Unido estavam a melhorar substancialmente. Os poderosos do país anunciavam que os estrangeiros, ingleses incluídos, só traziam riqueza e fariam melhorar as condições de vida dos Portugueses, especialmente agora, que aumentava a febre da exploração mineira, em grande parte detida por companhias inglesas. Talvez por terem em mente estes factos, os acompanhantes de Thomas adoptaram uma posição de contenção. Não o hostilizaram, mas os sorrisos e a afabilidade estiveram ausentes.

Thomas aproveitou a espera pela partida para consultar o manuscrito que o sr. Richard Flemming lhe entregara, a fim de ver o itinerário. Verificou então que a Mala Posta do Alentejo pararia em Pegões, Montemor, Venda do Duque, Estremoz e Alcaraviça, onde deveria sair. O caminho era longo, cerca de 35 léguas métricas. O sr. Richard teve ainda o cuidado de anotar o tempo médio da duração da viagem: à volta de 24 horas, todas as paragens incluídas. Thomas não queria pensar muito no assunto, mas 24 horas de viagem numa carruagem era algo de extenuante, especialmente quando se encontrava já exausto depois da viagem para Southampton, de barco para Lisboa, de noites mal dormidas, de ter de sair da pensão às 6 horas da madrugada e de, ainda, ter feito uma travessia do

Tejo numa falua incómoda e nada preparada para proteger os passageiros do frio e das ondas. Veria mais adiante o que decidir.

Bem acomodado no seu lugar, o cocheiro fez o aviso de partida. A primeira chicotada foi dada. A carruagem avançou, primeiro lentamente e quando a velocidade de cruzeiro foi atingida já Aldeagalega tinha sido deixada para trás.

À curiosidade do desconhecido, durante a primeira légua de caminho, sucedeu a sonolência que se foi instalando, pouco a pouco. Mas os solavancos da carruagem e o bater das dezasseis ferraduras dos possantes cavalos não permitiram a Thomas que pudesse adormecer. Expostos ao vento e ao pó, lá fora, os passageiros de segunda classe abrigavam-se o mais que podiam, encostados uns aos outros, cobertos pelos seus gabões, capuzes enfiados. E, apesar das condições adversas, era na segunda classe que reinava o falatório, em voz bem alta, e a risota.

A Estrada Real estava em bom estado, apesar de tudo. Tinha sido melhorada com macadame. No Alentejo não chovia há bastante tempo e não havia nem poças de água nem lama. E os meliantes, que molestavam as diligências, com alguma frequência, não tinham aparecido na estrada, até então.

O chicote estalava nos costados dos desgraçados cavalos, escolhidos entre os mais possantes.

A primeira estação de muda, depois da partida, foi Pegões, a um tudo nada mais de 5 léguas da Aldeagalega. A muda dos cavalos foi rápida. Os moços de estrebaria, sob as ordens do feitor da muda, andavam num virote. O cocheiro aproveitava a paragem para urinar contra uma parede mais escondida. Os passageiros saltavam para o chão para distender as pernas e para fazerem as necessidades, na medida do possível, já que a paragem tinha uma duração máxima de uns sete minutos. Findo este tempo, o cocheiro voltou a anunciar, em voz potente, a partida da diligência. Os passageiros corriam para entrarem. Thomas também tinha saído para urinar. Todos se encaixaram, novamente, uns nos outros, para se aquecerem, com os gabões novamente ajustados. E a diligência partiu.

Seguiu-se Montemor-o-Novo, a meio do percurso. Há dez horas e meia que iam de viagem. Aqui, o tempo de permanência na estação de muda era de meia hora, para que, quem quisesse, pudesse comer. Os passageiros saíram da carruagem desconfortados por terem de abandonar as suas bagagens. Ainda não eram oito horas da noite, e a fome apertava.

Thomas ficou sozinho numa mesa. Os seus companheiros de primeira classe estavam juntos, numa única mesa. Thomas comeu frango assado, acompanhado por vinho tinto. Enquanto comia, pensava se devia pernoi-

tar aqui, já que a estação tinha uma hospedaria. O cansaço era grande, mas grande era também a ânsia de chegar à sua futura residência, numa pequena povoação perdida no interior de um país desconhecido. E, ainda para mais, Thomas lembrou-se que Alcaraviça ficava a cerca de meia légua de Borba, como dizia o esquema do itinerário do sr. Richard. Era preciso fazer essa ligação e poderia acontecer que, na muda de Alcaraviça, estivesse alguém da companhia à sua espera. Faltava pouco para a partida da diligência. Quando o cocheiro gritou “todos para dentro”, que repetiu mais duas vezes, Thomas tomou a decisão de continuar a viagem. O cocheiro ainda não se tinha alçadorado ao seu assento, já que era necessário controlar o comportamento dos passageiros, caso tivessem bebido demais. Só se sentaria depois de todos os passageiros estarem nos seus lugares. Uma última inspecção à carruagem confirmou-lhe que estava tudo em ordem, embora a algazarra tivesse subido de tom. Os moços de estrebaria acenavam aos passageiros, em despedida. O feitor, junto à diligência, gritou ao cocheiro que a lanterna do lado direito estava apagada, o que nunca deveria acontecer. De imediato o cocheiro saltou para o chão, foi ver e o problema foi sanado. Thomas seguiu com atenção a operação. Em Inglaterra a operação de acendimento era, basicamente, igual. Fora numa diligência, puxada também por duas parelhas de cavalos, que fizera a viagem de Londres para Southampton. A diligência era maior do que aquela em que viajava agora, e sem lugares no exterior da cabine, talvez por serem bem piores as condições atmosféricas em Inglaterra do que em Portugal. E, claro, as lanternas de latão não podiam faltar.

Eram oito horas e meia da noite e faltavam ainda cerca de onze horas e meia de viagem. As lanternas quase nada iluminavam do caminho, mas o luar, de uma lua em quarto crescente, ajudava o cocheiro a conduzir os cavalos pela estrada fora.

A viagem continuava monótona e o tempo parecia ter parado. Até os solavancos pareciam ser exactamente iguais ao longo de todo o caminho. Não eram violentos, mas eram continuados, apesar da diligência já possuir sistema de amortecimento.

Thomas seguia a viagem sem que, até aí, tivesse havido qualquer troca de palavras, gestos ou sorrisos com os companheiros de cabine. Só o miúdo, de vez em quando, tocava em Thomas, involuntariamente, com um gesto mais estendido, das pernas ou dos braços. Thomas não se importava com isso e até sorria para o miúdo. Mas os pais ralhavam e, de imediato, afastavam-no de Thomas, com uma expressão tal que, alguém, mal avisado, pensaria que Thomas tinha peçonha.

Talvez Thomas não viajasse tão sossegadamente se soubesse que os meliantes de estrada atacavam, com alguma frequência cavaleiros, almo-creves com as suas mulas e jumentos carregados de abastecimentos, qualquer tipo de carruagens e carroças. Mas aqueles que seguiam ao seu lado, portugueses, sabiam-no. Não era difícil lembrarem-se de um João Brandão ou de um Zé do Telhado, que, embora longe desta zona, punha-os em estado de alerta. Thomas já se tinha apercebido de que reinava uma certa inquietação no interior da diligência. Amiúde, os companheiros de Thomas espreitavam para fora, através dos vidros, escrutinando o caminho e, depois, trocavam palavras entre eles. Este comportamento, notou Thomas, começara quando a noite se foi anunciando. A dado momento, quando o homem sozinho se inclinou para o lado para espreitar pelo vidro, deixou a descoberto o punho de uma pistola, saindo do bolso do casaco. Thomas reparou e, já antes, notara que o cocheiro estava também armado. Associou então estes dois factos à possibilidade de acontecerem assaltos nestes caminhos isolados, sem movimento algum. Thomas inquietou-se. Vieram-lhe à lembrança as histórias que, por vezes, ouvia em Londres sobre os assaltos à mão armada aos comboios do Far West da América, levados a cabo por bandos de criminosos armados, montados a cavalo. Sucederia em Portugal algo de semelhante? Apesar de tudo, Thomas não acreditava nisso e nem vinha armado. Aliás, Thomas nunca usara uma arma de fogo, ao contrário de seu pai, John, que o tivera de fazer, dados os perigos da sua profissão de “courier”. Mas, segundo o próprio John, nunca ferira ou matara quem quer que fosse. Dizia John que ninguém o atacava por todos saberem que andava armado.

A chegada à estação da Venda do Duque, muito perto do Vimieiro, foi muito bem-vinda por Thomas. Os maus pensamentos estavam a asfixiá-lo. Os cinco minutos de paragem podiam distraí-lo, no que seria ajudado pela atenção que o pesado odor a estrebaria lhe despertava. Os moços, acordados aquela hora, levaram os cavalos cansados e trouxeram duas novas parelhas, como faziam em todas as estações de muda. Thomas ainda teve tempo de ir urinar e desentorpecer as pernas. Saíram três pessoas, duas da segunda classe e o homem sozinho da primeira classe.

– *Todos para dentro* – gritou o cocheiro.

Thomas e os passageiros que haviam saído correram para a diligência. A seguir, seria Estremoz.

No exterior da carruagem, sentados aconchegados uns aos outros e protegidos contra o frio pelos gabões, os passageiros de segunda classe já há muito que deixaram de galhofar. Vinham acabrunhados, maldizendo as

suas vidas. Thomas notou que uma rapariga viajava sozinha, com a cabeça encapuçada e, agora, encostada ao vidro, olhos semicerrados, tentando dormir. Os homens e as mulheres em quem Thomas reparara, quando foi do cais à pensão, em Lisboa, pareceram-lhe todos feios. Mas esta rapariga, parecia um anjo. A tez muito branca, os cabelos castanho-claro e ligeiramente encaracolados, as pontas saindo do capuz, um nariz curto, bem desenhado e ligeiramente levantado, davam-lhe essa aparência angelical. Não lhe conseguia ver as mãos já que estavam enluvadas. E a boca? Não era possível divisá-la, protegida do frio por uma manta, na qual a rapariga devia estar enrolada, sob o gabão. O que faria tal rapariga, sozinha numa diligência, viajando por uma estrada perdida na noite do interior agreste de Portugal?

Mais adiante, na estação de Estremoz, saíu muita gente. Na primeira classe, ficou apenas Thomas. O casal com o rapazinho balbuciou quaisquer palavras de despedida e o rapazinho acenou a Thomas, que correspondeu também com um aceno e um sorriso.

Da segunda classe, entre as pessoas que saíram, fazia parte a rapariga angelical. Thomas, sem encontrar explicação para tal, sentiu-se profundamente triste. Não queria acreditar que aquela rapariga, tão desconhecida, tivesse o poder de o enfeitiçar. Mas, era quase certo que assim era, tal a alegria que sentiu quando viu a rapariga a regressar à diligência, após o cocheiro ter dado o aviso de partida.

A rapariga era de estatura baixa, mas de proporções equilibradas, reparou Thomas enquanto ela se aproximava da carruagem para tomar o seu lugar, na segunda classe.

A rapariga acabava de se instalar quando Thomas lhe fez um sinal para ela se sentar no interior, na primeira classe. Sempre iria mais protegida do frio. A rapariga sorriu, mas não se levantou.

Só faltavam pouco mais de duas léguas para Alcaraviça. Não seriam mais de duas horas.

Thomas tentava adivinhar onde poderia sair a rapariga. Certamente não seria em Alcaraviça. Talvez em Elvas, povoação bem mais importante do que Borba, ou mesmo em Badajoz, em Espanha. Talvez ela fosse espanhola. E se ela fosse para Borba? Mas fazer o quê? A rapariga parecia ter adormecido.

Finalmente, o dia anunciava-se. Eram quase sete horas da manhã. Havia nuvens esparsas e altas no céu, mas o frio continuava intenso. Thomas preocupava-se com o frio a que a rapariga estava sujeita, mas nada podia fazer.

A nascente, as nuvens altas começaram a tingir-se de um laranja riscado, aqui e ali, por um vermelho intenso. O espetáculo parecia não despertar grande atenção aos passageiros, incluindo Thomas, mais preocupado com o seu futuro, que seria passado no local onde a diligência chegaria dentro em breve. E o seu passado, o que deixou em Londres, veio-lhe ao pensamento. Os pais, a escola, a casa onde foi criado, em Morning Lane, a escola, o bar King's Head, onde ia, às escondidas do pai, quando o dinheiro o permitia, e que tantas alegrias lhe deu, na sua fase de pré-adulto, a casa onde vivia, antes de viajar para Portugal, em Westminster, a igreja de St. John, o rio, os irmãos, a namorada que tivera de deixar. Seria que fez bem? Não foi arriscar muito? E a mãe, viúva, agora com 63 ou 64 anos, como envelheceria? O pai morreria de doença havia oito anos, em 1850, nem sabia com que idade. Coitado. Quando ia ver novamente a sua Londres? Agora, até sentia saudades do misterioso nevoeiro. E o movimento nas ruas em Hackney? Onde o poderia encontrar aqui, junto a uma mina em Portugal?

Alheio aos pensamentos de Thomas, o sol apareceu, finalmente, no horizonte. Todos os viajantes da Mala Posta foram iluminados de frente, pelos baixos raios de sol, a ponto de quase não serem capazes de divisar o caminho, de tão encadeados que ficaram. O cocheiro via-se em aflições. Só tinha duas mãos e havia de ter três, duas para as rédeas e para o chicote e a terceira para fazer de pala contra o sol. Sempre que a estrada virava para sul, ainda que pouco, o cocheiro benzia-se e agradecia a Deus.

Quando a diligência chegou a Alcaraviça, o coração de Thomas quase saltou. Nunca lhe passara pela cabeça ficar neste estado de ânsia. Os moços de estrebaria iniciaram o seu trabalho de muda dos cavalos enquanto Thomas saía da diligência e retirava a sua bagagem. Tal o seu estado de concentração, que não reparou na rapariga angelical, que também saía da carruagem e retirava a sua pequena mala. Thomas olhou em volta a fim de dar com alguém que o fosse buscar. Ninguém. Dirigiu-se, então, ao cocheiro e pronunciou a palavra “Borba”, em tom interrogativo. O cocheiro apontou para uma das extremidades do recinto onde estava estacionada uma carroça puxada por uma mula. Quando olhou para o local indicado pelo cocheiro, Thomas ficou em êxtase ao ver a rapariga angelical, de costas, encaminhando-se para a carroça. Não queria acreditar. Ninguém mais parecia seguir na carroça. Thomas viu o carroceiro ajudar a rapariga angelical a subir para tomar o seu lugar, chegando ele logo de seguida.

– *Borba?* – perguntou Thomas ao carroceiro.

A pronúncia enrolada do *erre* fez perceber ao carroceiro que se tratava de um estrangeiro e apenas fez que sim com a cabeça, enquanto estendia a mão para receber o dinheiro do transporte.

Thomas ergueu as suas malas até as meter dentro da carroça e depois subiu, sentando-se no banco de madeira diante da rapariga angelical, e de costas para o caminho. A rapariga sorriu e Thomas também. A língua era uma barreira tremendamente inconveniente neste momento. Thomas queria, por todas as razões, encetar uma conversa com a rapariga, algo de impossível. Fez então a única pergunta que sabia fazer em português:

– *Borba?*

A rapariga respondeu:

– *Sim.*

A carroça começou a andar. O caminho, em terra batida, era muito pior do que a estrada e a carroça nada tinha que se parecesse com a diligência. Thomas e a rapariga saltavam e escorregavam dos bancos, a cada buraco do caminho em que a carroça caía. Mas, apesar destas incomodidades, Thomas sentia-se o homem mais feliz do universo. A rapariga estava a dar seguimento à tentativa de diálogo por ele encetada.

E Thomas continuou, apontando para si próprio:

– *My name is Thomas.*

– *Thomas?* – quis confirmar a rapariga.

– *Thomas* – repetiu Thomas.

Era a vez de Thomas tentar saber o nome da rapariga. Apontou para a rapariga e perguntou:

– *You?*

A rapariga deduziu o que queria saber aquele estrangeiro simpático e respondeu:

– *Maria.*

– *Maria? Nice name! Maria.*

– *Maria da Conceição.* – completou a rapariga.

Thomas tentou repetir o nome todo, mas não foi capaz. Riram-se os dois perante a incapacidade de Thomas em pronunciar *Conceição*.

– *Thomas Poole* – completou também o seu nome, Thomas.

Maria da *Conceição* não teve dificuldade em pronunciar todo o nome de Thomas.

Seguiram-se longos segundos em que, nem Thomas, nem Maria da *Conceição* pareciam ser capazes de arranjar motivos para continuarem a tentar conversar. Cada um deles fitava os campos em lados opostos. Tentavam que os olhares não se cruzassem. O embarço dominava-os, até que

Thomas se lembrou de sacar da folha manuscrita pelo senhor Richard, a fim de mostrar a Maria a morada onde iria residir.

– *Rua da Colla* – leu Maria.

Mas Maria nunca tinha estado em Borba e não conhecia a vila, e aquela rua nada lhe dizia.

Thomas fez um esforço para fazer entender a Maria que ele gostaria de saber onde seria essa rua. Thomas abriu os braços, encolheu os ombros enquanto pronunciava “Rua Colla”.

Maria entendeu o que Thomas pretendia, mas não o podia ajudar, pelo que apontou para o carroceiro. Só ele o poderia esclarecer. Thomas agradeceu.

O sol estava já um pouco mais alto e fazia menos frio. As nuvens que se viam no horizonte pareciam manter-se no mesmo lugar, enquanto outras avançavam, vindas de poente. Contudo, não anunciavam chuva. Agora, as oliveiras, as vinhas e algumas árvores de fruto dominavam a paisagem. Numa paisagem até então tão crua, Thomas não imaginava que, nas proximidades de Borba, pudesse ser acolhido por bem compostos pomares, ainda que dispersos.

Ao longe, começavam a divisar-se as primeiras casas da vila de Borba. A rapariga chamou a atenção de Thomas para esse facto. Thomas virou-se então para a frente da carroça, torcido no assento de madeira. Ansiava por descer e conhecer a sua nova casa e o povoado. Mas a mula não se preocupava com as ansiedades de Thomas e seguia, lentamente, pelo caminho fora, que tão bem conhecia.

Thomas não despregava os olhos daquelas casas, formando, ao longe, como que uma massa branca. Mas aos poucos, começavam a individualizar-se e Thomas reparou que quase todas elas eram baixinhas, sobressaindo do casario uma torre de um qualquer castelo.

Antes de entrar na vila, Thomas viu o carroceiro a obrigar a mula a quase parar, o que aconteceu um pouco mais à frente. Rodou a manete de ferro, de accionamento dos travões da carroça. Thomas hesitou em sair. O carroceiro voltou-se para trás e perguntou:

– *A menina onde fica?*

– *Esperam-me no boticário* – respondeu a angelical Maria.

– *Quem, o senhor Miguel?* – quis saber o carroceiro.

– *Conhece-o?* – perguntou, interessada Maria.

– *Apri! Se o conheço! Aqui toda a gente o conhece. Sem ele, muita gente havia de morrer com as maleitas que por ainda andam. Ele é deus cá na terra e o sangrador é o diabo, mas o certo é que não podemos viver sem um*

e o outro. *Tanto gostamos do diabo como de deus.* – comentou o carroceiro que, virando-se para Thomas, lhe perguntou:

– *E o senhor, onde fica? Ele não percebe nada do que eu digo. A menina sabe, por acaso, para onde vai este estrangeiro?*

– *Penso que é para a rua da Colla.* – respondeu a rapariga.

– *Hum, até já sabe o nome da rua onde fica o homem!* – gritou o carroceiro, com ar jocoso.

Maria corou, mas não foi capaz de explicar a razão de saber para onde ia Thomas que, ouvindo o nome da sua rua, percebeu o que se passava, anuindo com a cabeça, agradecendo a Maria:

– *Obrigado*

Maria sorriu.

O carroceiro destravou a carroça e a mula recomeçou a caminhada. Entraram na vila. Uma ou outra mulher vinha à porta da rua ver quem estava a chegar à vila. Só reentravam em casa depois da carroça desaparecer ao fundo da rua.

– *Oh Chiquinho, então hoje só são dois?* – perguntava uma mulher ao carroceiro.

– *É verdade!*

– *Vêm para as pedreiras. É quase certo.* – tornou a mulher.

– *E para onde vão eles?*

– *Ela para o boticário e ele para a Colla.* – respondeu o carroceiro.

– *Ah! Então não vêm juntos!*

Não tardaria muito para ver as mulheres a passear, para baixo e para cima na rua da Colla, e, também frente ao boticário. Mais tarde, à noite, transmitiriam aos maridos todas as novidades que tinham colhido durante o dia.

O casario, quase todo ele, era constituído por casas apenas com piso térreo, com uma ou duas janelas, de dimensões reduzidas e com uma porta simples, em madeira pintada e de pequena altura. De vez em quando, a carroça passava frente a uma ou outra casa própria de proprietário rico, com dois pisos e de fachada com três portas. As primeiras ruas eram direitas, largas e as casas pareciam ser de construção recente. Mas, à medida que iam penetrando mais para o interior da vila, as ruas tornavam-se mais estreitas, sempre empedradas, e as casas mais velhas. Ainda assim, a vila era simpática e o seu nome andou nas bocas de todo o reino, quando a Espanha foi derrotada perto de Borba, em Montes Claros, nos idos de 1668, marcando o fim da Guerra da Restauração. Mas Thomas ignorava tudo isto. O que lhe prendia a atenção, naquele momento, era a

torre do castelo. Como era tão diferente dos castelos ingleses. É certo que conhecia apenas uns dois castelos em Inglaterra, na zona onde tinha feito o serviço militar, pouco antes de se mudar para Portugal. E, para mais, estavam em ruínas. Mas via-se que eram muito diferentes deste, aqui em Borba.

Maria seguia, interessada, as reacções de Thomas a tudo o que ia observando. Ela própria não conhecia o Alentejo. Mas, apesar de tudo, havia muitos aspectos aqui, nesta vila, que eram semelhantes aos que apresentava a sua Oliveira de Azeméis, onde nascera, assim como os seus pais. As casas baixas, a pobreza das pessoas, por exemplo. Talvez por isso, mas não só, a sua atenção centrava-se, sobretudo, nas reacções de Thomas e, não tanto, nas ruas por onde iam passando.

As ruas estreitas, umas vezes direitas, outras vezes curvas, cruzavam-se, formando quarteirões não muito grandes e construindo uma quadrícula mal desenhada, onde Thomas sentiu que poderia facilmente perder-se.

A carroça começou a abrandar, até que parou.

– *Menina, o boticário é nesta porta aqui, deste lado.* – informou o carroceiro, apontando para uma porta, pintada de azul escuro.

O senhor Chiquinho saltou para o chão, tirou a mala de Maria da Conceição e ajudou-a a descer. Já no chão, Maria acenou a Thomas que lhe respondeu com outro aceno.

– *Olhe menina, esta rua é a Rua da Colla, onde este estrangeiro ficará também.* – informou o carroceiro.

Maria enrubescou e, de fala, nada lhe saiu. Apressadamente, bateu à porta do boticário e foi atendida por uma mulher que lhe transportou a mala para o interior. Thomas ainda viu a menina angelical a espreitar pela nesga da porta, antes desta se fechar.

Ambos tinham a certeza de que as suas vidas se cruzariam, ali mesmo, em Borba.

A carroça arrancou mas, logo á frente, parou novamente. O carroceiro virou-se para Thomas:

– *Colla. A sua casa* – disse ele.

– *Obrigado.* – agradeceu Thomas, enquanto retirava as suas malas.

No meio da rua, com as malas nas mãos, Thomas olhou em volta. Viu cabeças cobertas com lenços pretos a espreitar às janelas, mas nada mais. Ninguém que parecesse estar à sua espera. Um cão vadio apareceu e dançou à volta de Thomas de dentes arreganhados, não fazendo tenção de se ir embora. Thomas arremessou-lhe uma pedra apanhada do chão. O cão correu dali, ganindo. Algumas das mulheres riram.

Tal como o senhor Richard Flemming lhe dissera, a chave da porta da rua, estava enfiada na fechadura, do lado de fora. Thomas rodou a pesada chave e a porta chiou ao ser empurrada. Thomas pegou nas malas, enfiou-as no interior, após o que entrou.

Chegara.

Thomas deixou as malas junto à porta e, de imediato, quis ir à descoberta do seu novo alojamento. Desde logo, tinha-lhe parecido que se tratava de uma casa ampla. E assim era. A porta da rua abria para um espaço despido de tudo, sem qualquer interesse. Mas dele partiam umas escadas para um piso superior e nele abriam duas portas, em lados opostos, dando a ideia a Thomas de que se tratava de um compartimento que só tinha a função de distribuição. Thomas abriu uma das portas e deparou-se com o que era uma cavaliariça. Viam-se três baias com as suas argolas, mas não se viam nem cavalos nem mulas. Para este recinto, ao qual poderiam ter acesso carroças, dada a grande largura da porta que dava para a rua, abriam os armazéns dos arreios e o da palha. Thomas estava surpreso. Ele ainda não sabia como seria a sua deslocação diária entre a casa e a mina. Talvez a Companhia lhe pusesse à disposição um ou dois cavalos e isso explicava a necessidade de uma cavaliariça. Conheceria as intenções da Companhia quando, no dia seguinte, falasse com o seu superior, o senhor Wenceslau Casimiro.

Thomas voltou ao compartimento que ele passou a denominar como “a distribuição” e dirigiu-se à outra porta. Abriu-a e, diante dele, apareceu-lhe o que julgou ser uma espécie de armazém, de dimensões médias. Tinha um aspecto de abandono. Tal como na cavaliariça, uma enorme porta dava para rua. Havia ferramentas diversas, algumas sobre uma banca de trabalho e outras espalhadas pelo chão, em terra batida. Encostadas às paredes, estavam algumas pipas vazias e tinas de transporte de uvas. Mas Thomas não fazia ideia do que eram, nem para o que serviam umas e outras. Desconhecia também o que era uma adega e que estava no interior de uma, e não num armazém. Além disso, Thomas não adivinhava que a zona de Borba produzia bom vinho e que na vila havia várias casas com adegas a partir das quais se vendia o vinho, directamente aos compradores. Ignorava que a casa que lhe fora destinada era, ou tinha sido, propriedade de um viniticultor. Tudo era novo para ele e as descobertas faziam pouco a pouco. Mas uma coisa ele podia, desde já, constatar. É que em Hackney tudo era diferente do que via aqui. Impressionava-o a brancura das casas aqui, ainda mais do que em Lisboa. Pelo que conseguira descortinar a partir da carroça, parecera-lhe que as casas eram todas

caídas, sendo muito poucas as que eram em pedra, ainda assim, branca, também. Onde é que havia uma casa toda branca em Hackney? Não se lembrava de nenhuma.

Thomas saiu daquele “armazém” mas ainda teve tempo de observar várias teias de aranha nos cantos das paredes e entre estas e as pipas. Pegou, então, nas malas e subiu ao piso de cima. As escadas de madeira, íngremes, de um só lanço, rangiam sob o peso da bagagem. Chegado ao patamar, Thomas abriu a porta e vasculhou o piso. Ficou atónito com a quantidade de compartimentos em que o andar superior se dividia. Eram cinco, não contando nem com a cozinha nem com a despensa. Estava satisfeito, embora não entendesse a razão pela qual a Companhia lhe tinha disponibilizado esta enorme casa. Talvez estivessem a pensar que alguém da Companhia viesse a compartilhar a casa com ele. Esta súbita hipótese deixou-o, de certo modo, inquieto. Thomas não era homem de grandes convívios. Não gostava de executar tarefas em conjunto com alguém. Por isso, a função de fiel de armazém era ideal para Thomas. Seria só ele ou, quando muito, haveria mais um ajudante. Resolveu escolher, de imediato, o quarto que lhe pareceu ser o melhor. Era virado para a rua e o mais espaçoso. E, pelo sim, pelo não, tinha uma só cama e era de casal. Era certo que, durante a sua estadia em Borba, cuja extensão desconhecia, tivesse de ir para a cama com alguma mulher e com alguma frequência. Uma cama de casal prevenia situações incômodas. Thomas arrumou as malas. Não lhe apeteceu desfazê-las. Não sabia porquê, mas desconfiava que uma certa insegurança estava a tomar conta dele, tornando extemporâneo o desfazer daquelas malas, feitas em Londres, em sua casa. Desfazê-las era aceitar, sem rebuço, que tinha acedido a deixar a sua Inglaterra, talvez, definitivamente.

Abriu uma janela do quarto e debruçou-se sobre o parapeito. A luz do dia, refletida nas casas em frente, obrigou-o a cerrar os olhos, de um cinzento azulado, baço, pouco habituados a tanta claridade. Por obra de uma ou outra nuvem, que dançava naquele céu de um azul forte, a luminosidade tão intrusiva para os olhos de um súbdito de Sua Majestade, a rainha Victória, era coada, chegando à Rua da Colla sem incomodar Thomas. Já não fazia frio algum e não soprava sequer uma brisa. Já um pouco mais adaptado à luz de Borba, Thomas permaneceu à janela por uns dez minutos, durante os quais duas ou três carroças passaram, atrás umas das outras, carregadas de uvas. Um homem velho, curvado, apoiado num cajado, passou para cima, cruzando-se com duas mulheres, já entradas na idade, ambas vestidas de preto:

– *Então, tio João, como vai andando?* – perguntou uma das mulheres.

O homem, sem parar, acenou-lhes e seguiu lentamente, sem nada responder.

– *Coitado do tio João. Tanto saltou em cima de mulheres, que ficou como ficou, marreco.* – comentou a outra mulher. Ambas desataram a rir, quando deram com Thomas à janela. Thomas não percebeu nada do que foi dito, mas achou que a risota das mulheres não se coadunava nada com o ar sombrio que a roupagem lhes emprestava.

– *Boa tarde* – disse uma das mulheres e depois a outra, continuando o caminho.

– *Obrigado* – respondeu Thomas.

Mais lá à frente na rua, Thomas apercebeu-se da existência de um certo movimento. Apurou mais a vista e pareceu-lhe ser o movimento de entrada e saída num sítio de comes e bebes. Desceu as escadas, fechou a porta à chave e foi ver se poderia comer qualquer coisa.

Era uma taberna. Na rua, junto à porta, alguns homens conversavam animadamente, sob o efeito da bebida. Thomas haveria de verificar que, aqui, em Borba, Baco estava presente em muitos locais e ocasiões. A Thomas não interessava a bebida, mas sim os petiscos que a taberna tinha para oferecer a um homem com apetite. Thomas não era muito de beber. Em Londres gostava de ir a um ou outro bar e aí beber uma cerveja em caneca. Mas não bebia vinho. Era muito caro e poucos ingleses o faziam. Durante o dia, as suas bebidas habituais eram o leite e chá. Não era raro beber um chocolate quente nos dias mais frios. Curiosamente, Thomas vira a sua mãe beber mais do que o pai, muito parco em aguardentes ou cervejas porque era muito responsável no exercício da sua profissão de “courier” e não queria que se queixassem de algum seu mau serviço por efeitos do álcool. A mãe, ao contrário, gostava de um copinho de aguardente, que bebia demasiadas vezes.

Thomas entrou na taberna. O ambiente era animado, proporcionado por não muitos homens, mas os presentes falavam alto e comportavam-se como tendo já um grãozinho na asa. Mulheres, nem uma. Neste aspecto, Thomas ficou um tanto desiludido. Teria gostado de ver melhor como eram as mulheres borbenses. Ainda que longínqua, poderia haver a hipótese de encontrar a Maria da Conceição. Que seria feito dela?

As dificuldades da língua obrigaram Thomas, uma vez mais, a apontar para o prato do seu vizinho do lado. O taberneiro explicou a Thomas que aquilo era feito de pão e que se chamava açorda. E que a carne era de porco, para o que teve de imitar um grunhido. Thomas tentou fixar as

palavras “açorda” e “porco”. Foi-lhe posto, sobre a mesa, um copo de quartilho de vinho.

Thomas apreciou a açorda e, certamente, que não seria a última vez que a comeria.

No final, o taberneiro encetou uma pequena conversa com Thomas. No fim de contas, aquele estrangeiro poderia vir a ser um cliente habitual da sua taberna.

– *Bom?* – perguntou o taberneiro.

Thomas percebeu que se tratava de uma interrogação, mas não sabia o que queria o taberneiro. Este arriscou perguntar algo que já ouvira a homens das minas e pedreiras, também estrangeiros:

– *Good?*

– *Oh! Muito bom!* – respondeu Thomas.

– *Inglês? English?*

– *Sim.* – respondeu Thomas, utilizando uma das muito escassas palavras que sabia em português.

– *Minas?* – quis saber o taberneiro.

Thomas não entendeu. Apontou então para uma frigideira em ferro e depois fez o movimento de quem escava a terra, voltando a repetir a palavra mina.

Aquela explicação gestual, indicando algo em ferro, e a semelhança entre as palavras “mina” e “mine” fez perceber a Thomas o que pretendia saber o taberneiro. De imediato, respondeu:

– *Sim.*

O taberneiro sorriu. Depois apontou para ele próprio e disse:

– *Jaquim.*

– *What? Iaquim?*

– *Não. Jaquim* – repetiu o taberneiro.

– *Jaquim?*

– *Sim.* – confirmou o taberneiro, que, de pronto, apontou para o seu interlocutor.

– *Nome?*

– *Thomas.*

– *Tomás?*

– *Thomas.* – Corrigiu.

– *Dizes que és Tomás, mas ficas Tomás.* – concluiu o taberneiro.

– *Ouve lá, Jaquim. Estou perdendo a paciência. Nunca mais acabas de falar com o estrangeiro? Estou esperando um bagaço há mais de uma hora!*
– protestou um cliente.

O sr. Jaquim escreveu num papel a quantia a ser paga por Thomas e foi atender o cliente em desespero, não tendo tido oportunidade para lhe perguntar onde estava a morar.

Thomas saiu da taberna e foi dar uma volta por Borba. Verificou que, dentro das muralhas, as casas eram bastante antigas e as ruas mais estreitas do que aquelas por onde passara vindo de Estremoz. No interior das muralhas, tudo lhe cheirava medieval. Thomas dispôs-se a percorrer o adarve que se estendia por todo o topo das muralhas do castelo, que achou, de certo modo, bizarro, uma vez que as suas muralhas eram em alvenaria de pedra, algo que nunca vira em lado nenhum. Passeou pelo topo das muralhas e, daí, teve uma percepção bastante elucidativa do que era a vila de Borba. As duas igrejas destacavam-se entre o casario. Uma muito próxima, a de Nossa Senhora do Soveral, e a outra, bem mais afastada, a de S. Bartolomeu. Não haveria, quase de certeza, local algum onde se cumprissem os rituais anglicanos. Era um assunto que iria esclarecer com as chefias inglesas da mina. A extensão da vila não era impressionante, mas a entrada em Borba não lhe tinha dado a perspectiva de que agora usufruía, a partir das muralhas. Thomas distraiu-se com o tempo e regressou, apressado, a casa.

Quando tinha entrado na rua da Colla divisou um homem que segurava as rédeas de dois cavalos. Mais uns passos, e Thomas constatou que o indivíduo estava à porta da sua casa.

– *Calculo que seja o senhor Thomas Poole.* – disse o homem, num inglês muito aceitável.

– *Exacto.* – respondeu Thomas, expectante.

– *Sou Wenceslau Casimiro, de quem o senhor Richard Flemming já lhe terá falado, em Lisboa.* – apresentou-se o homem, estendendo a mão para cumprimentar Thomas.

– *Muito prazer. Peço desculpa, mas só o esperava amanhã de manhã. Por isso aproveitei para dar uma volta por Borba.*

– *E gostou?*

– *Sim, bastante.*

– *Aproveite o tempo disponível agora, porque não vai ter muitos dias como o de hoje.* – avisou Wenceslau Casimiro, rindo-se.

Thomas não gostou deste aviso. Especialmente quando as apresentações acabavam de ser feitas.

– *Agradeço o aviso, mas não tema. Não tenho por hábito faltar ao trabalho para passear.*

O senhor Wenceslau Casimiro percebeu que aquele inglês, que tinha diante de si, devia ser teso. Mudou de assunto.

– *Trouxe-lhe um cavalo que será o seu meio de transporte entre Borba e a mina. Amanhã, de manhã, passarei por aqui e seguiremos os dois para a mina, para que conheça o caminho. Não se esqueça de pôr o cavalo na cavaleriça e de o alimentar. O nome do cavalo é Viriato. Na mina há uma cavaleriça e um tratador.*

– *E amanhã começarei já o meu trabalho, ou o dia será exclusivamente para tomar contacto com as pessoas e com o armazém e o escritório?* – perguntou Thomas, preocupado.

– *Não acredito que comece a trabalhar já amanhã. Se for possível, tanto melhor.*

– *Um outro assunto, senhor Wenceslau. Esta casa é grande. A Companhia está a pensar alojar mais pessoas da mina aqui na casa?*

– *Não sei, mas não me admiraria.* – respondeu Wenceslau Casimiro.

– *Quanto à limpeza da casa, há alguém que a faça?* – perguntou Thomas.

– *Não lhe garanto, mas penso que a Companhia está à procura de alguém para isso.*

– *Só mais uma coisa. Em Borba há algum local de culto anglicano?* – quis saber Thomas.

– *Preocupa-se com isso?*

– *Alguma coisa.*

– *Nesse caso, tem pouca sorte. Isso só em Lisboa e no Porto. Por terras pequenas não há senão igrejas católicas. Mas os ingleses que trabalham em minas e nas pedreiras aqui na zona de Évora, reuniram-se todos e conseguiram trazer para cá um padre anglicano que, de vez em quando, vem aqui, à nossa mina. Mas tem de falar sobre isso com a administração inglesa. Eles dizem-lhe em que dias o tal padre vem à mina.* – explicou o senhor Wenceslau Casimiro.

Thomas agradeceu a explicação. Pediu a chave da cavaleriça, despediu-se do senhor Wenceslau Casimiro, agarrou nas rédeas do Viriato e entrou. Meteu o cavalo numa baia, amarrou-o à argola e foi buscar-lhe palha suficiente.

Subiu então aos seus aposentos, desfez as malas, guardou as roupas e decidiu-se a tomar um banho. Para isso, teve de ir buscar lenha à arrecadação que dava para o pátio aberto, nas traseiras da casa, com acesso por umas escadas de pedra que partiam da cozinha. Meteu a lenha necessária no forno de lenha e colocou duas cafeteiras grandes sobre a chapa. Pegou fogo à lenha e esperou que a madeira começasse a arder, o que levou algum tempo. Aproveitou esta espera para tentar decorar algum do voca-

bulário que Richard Flemming tinha manuscrito sobre as folhas de papel que lhe entregara. Ao fim de algum tempo, já tinha decorado uns quinze vocábulos portugueses e o seu significado, embora não entendesse como se liam algumas letras com til, ou com acentos graves e agudos. Eram tudo sinais fonéticos que Thomas nunca vira antes.

Quando a água estava a ferver, Thomas levou um jarro de latão, com asa, para a cozinha e nele misturou a água quente das cafeteiras com água fria. Transportou então essa água para a casa de banho. Aí, numa tina de latão, tomou o seu banho, com a água tépida preparada no jarro, de onde a tirava com ajuda de um púcaro, que despejava sobre o corpo.

Sentiu-se recuperado do cansaço causado por tantos dias de viagens sucessivas. Seguidamente, aparou o bigode e fez a barba. Tinha de estar pronto quando chegasse o senhor Wenceslau Casimiro. E tinha de se apresentar com bom aspecto perante a direcção da mina.

Cerca das sete horas da manhã, o senhor Wenceslau Casimiro estava a bater à porta. Thomas desceu, abriu a porta da rua, cumprimentaram-se e foi à cavaleriça buscar o Viriato.

– *Senhor Wenceslau, posso perguntar-lhe se na mina há onde comer? É que eu não preparei nada para levar*– perguntou Thomas.

– *Está com sorte. Acabou de ser feita uma cantina. Mas olhe que a direcção hesitou em pô-la de pé, já que ainda não se sabe se a mina é rentável.* – respondeu, calmamente, o senhor Wenceslau Casimiro.

Thomas tremeu a estas palavras. Logo no primeiro dia, percebeu que o seu futuro era bastante incerto. E se a mina fosse apenas uma miragem? O que faria depois? Regressaria a Inglaterra?

– *Não diz nada, senhor Thomas? Está tão calado!* – disse, provocador, o senhor Wenceslau Casimiro.

– *Obrigado pela informação*– agradeceu Thomas, quase distraído.

– *Agora repare bem no caminho, porque amanhã ninguém o virá buscar. Terá de ir sozinho e não se pode atrasar na entrada ao trabalho.*

– *Assim farei.*

Thomas e o senhor Wenceslau Casimiro montaram os respectivos cavalos e, lado a lado, tomaram a direcção da Rua do Príncipe Real, em direcção à Rua Corredoura. Passaram pelo edifício dos Paços do Conselho e pela Igreja de Nossa Senhora do Soveral. Thomas reconheceu esta igreja como sendo uma das duas que tinha avistado do cimo das muralhas do castelo, no dia anterior. As ferraduras dos cavalos ressoavam no empedrado das ruas. Thomas perguntou ao senhor Wenceslau:

– *Quando for necessário, onde posso ferrar o Viriato? É a Companhia que se encarrega disso?*

– *A Companhia paga-lhe a despesa, mas é o senhor Thomas que tem de ferrar o seu cavalo quando for necessário. Aqui em Borba, o ferrador que utilizo fica exactamente aqui, na Corredoura.* – informou o sr. Wenceslau Casimiro, virando-se para trás, para indicar a porta.

Thomas agradeceu a informação.

– *É bom saber isso.*

Em breve deixaram a urbe e seguiram por uma estrada em direcção a sudoeste. O vento que fazia levantava um pó que se entranhava na boca e nos olhos.

Quase meia légua depois, viraram à direita por um caminho largo, mas em más condições.

– *É por este caminho que se faz o escoamento do minério da nossa mina. Mas quando chove, o caminho fica enlameado e é muito difícil desatolar as carroças carregadas, quando as rodas se enfiam na lama. O que vale é que o caminho é plano. Mas o melhoramento do caminho também só será feito se o rendimento da mina o justificar.* – explicou o senhor Wenceslau Casimiro.

Olivais, vinhas e, por vezes, alguns pomares, circundavam o caminho. As azinheiras viam-se em terrenos aparentemente abandonados.

Teriam percorrido cerca de uma légua, desde que largaram Borba, quando apareceu, ao longe, a mina.

– *Estamos a chegar.* – anunciou o senhor Wenceslau Casimiro.

Viam-se diversos casinhotos brancos e o que parecia ser um armazém.

– *Quantas pessoas trabalham na mina?*

– *A mina é pequena. São poucas, ainda. Mineiros e safreiros² são oito e dois guincheiros. Há um barreireiro³ e um entivador também. Depois, há ainda um engenheiro e o director técnico, faltando, por agora, um fiel de armazém. Mais tarde, logo se verá. E, claro, eu, que sou o capataz, também conto. Existem ainda um serralheiro, um ferreiro e um carpinteiro.*

Entretanto, os cavalos aproximavam-se da mina e, enquanto a distância diminuía, aumentava a ansiedade de Thomas. O malacate⁴ sobressaía na paisagem e distinguiam-se já as diversas casas existentes na mina, todas elas térreas e pequenas. Mais perto ainda, Thomas avistou uma carroça de bois

² Safreiro – quem, numa mina, transporta, do fundo à superfície, os entulhos e escombros.

³ Barreireiro – quem, numa mina, abre os buracos para tiros de minas ou pedreiras.

⁴ Malacate – elevador utilizado no poço de uma mina, com estrutura em madeira, primitivamente accionado pela acção de muares e, depois, por máquinas a vapor, a que sucederam os construídos em ferro, com accionamento por motores eléctricos.

e, ainda, dois cavalos, presos a uma barra de madeira. Um homem corria no recinto da exploração, desaparecendo no interior de uma das casas.

– *Aquele é um safreiro. Não sei o que é que ele faz cá fora. Devia estar no interior da mina a estas horas. Vou já indagar o que se passa. Sabe que com esta gente é preciso ser-se duro, senão a produção da mina vai por aí abaixo.* – observou o senhor Wenceslau Casimiro do alto da sua besta

– *E quem é o director?* – quis saber Thomas.

– *Não sabe? É um indivíduo do seu País, chamado Charles Milles. Não é de muitas falas, mas é correcto. Acho que vai gostar dele. Bem, estamos na mina. Vamos deixar os cavalos aqui e vou apresentá-lo ao Director. Depois, ele mostrar-lhe-á as instalações e dir-lhe-á o que há a fazer. E, quanto a nós, entendo que nos vamos dar bem.*

– *Qual vai ser a relação entre nós, na mina?* – perguntou Thomas enquanto desmontava.

– *A relação entre nós é a inerente ao facto de eu ter de assegurar que os planos de trabalho, definidos pela Direcção, estão a ser cumpridos. No fim de contas, tenho de ter toda a gente debaixo de olho. Mas, evidentemente, as minhas principais fontes de preocupação são os operários. E o senhor Thomas não é operário, é empregado. Faz, até, parte da Direcção, conjuntamente comigo, com o engenheiro e com o Director. Vamos dar-nos bem, tenho a certeza.* – concluiu o senhor Wenceslau Casimiro, piscando um olho cúmplice.

Dirigiram-se os dois a uma das pequenas casas brancas da mina, um pouco à parte das restantes. Thomas ia esticando o colete, ajeitando as pontas do bigode e endireitando as costas, por forma a apresentar-se ao Director com um porte próprio de um senhor inglês. Numa pequena pasta, trazia alguns documentos que poderiam ser úteis, ou, mesmo, necessários à reunião com o senhor Director, Charles Milles.

O senhor Wenceslau Casimiro bateu à porta, suavemente.

– *Entre.* – ouviu-se do lado de dentro

O senhor Wenceslau Casimiro abriu a porta e entrou, à frente de Thomas Poole, que parou no limiar da porta, enquanto o senhor Wenceslau avançava na direcção da pesada secretária de madeira do Director.

– *Senhor director, venho trazer-lhe o novo empregado da mina, o fiel de armazém.* – anunciou Wenceslau em português.

– Obrigado Wenceslau. Agora pode sair – retorquiu o Director, num português enrolado.

Wenceslau Casimiro, antes de sair, deu um firme aperto de mão a Thomas, que avançou para Charles Milles, a convite deste.

– *Senhor Thomas Poole, pode sentar-se por favor.*

Thomas sentou-se, embora hesitando se devia ou não cumprimentar o Director com um aperto de mão. Mas este nem se levantou, nem lhe estendeu a mão. As regras ficaram, pois, definidas.

– *Segundo a carta que me chegou do senhor Richard Flemming, o seu nome é Thomas Poole e a função que aqui lhe será atribuída é a de fiel de armazém. Confirma?*

– *Sim senhor Director.*

– *Vem por bem, ou apenas porque não tem alternativas?*

Thomas não entendeu o que pretendia o Director, mas o melhor seria não levantar dúvidas.

– *Venho por bem.* – respondeu Thomas.

– *Posso então concluir que não é um foragido, seja por crime de sangue, seja por roubo, seja para fugir ao pagamento de dívidas.*

– *Por minha honra, juro que não. Posso acrescentar que venho recomendado.*

– *Recomendado?*

– *Sim, senhor Director. Recomendado por um amigo do senhor Richard Flemming.*

– *Acredito, mas desse pormenor importante não me chegou notícia. Vamos então ao trabalho.*

E, dizendo isto, Charles Milles levantou-se e estendeu a mão a Thomas, que, de um pulo, se ergueu da cadeira e apertou a mão do Director. O contrato de trabalho estava selado.

Saíram da casa da Direcção e, lado a lado, foram percorrendo o recinto da exploração enquanto Charles Milles ia explanando o que iam vendo, bem como dando algumas informações sobre a mina.

– *Olhe, aqui é a casa do capataz, o senhor Wenceslau, que já conhece e ali adiante é o que os portugueses chamam “casa da malta”, cuja tradução em inglês pode ser “the house of the guys”. É onde ficam alojados os trabalhadores que não são desta zona e que, portanto, não têm alojamento em Borba, em Estremoz ou nas redondezas. Podemos lá ir para conhecer.*

O Director abriu a porta e entraram. Havia dez beliches, em ferro, duas casas de banho e três armários de arrumação de roupas. A Casa da Malta dava, pois, para vinte rapazes. Neste momento, dormiam nela cinco rapazes.

Saíram da Casa da Malta e dirigiram-se ao armazém.

– *Como já deve ter percebido senhor Thomas, ali adiante é o armazém onde se acumulam as provisões de tudo o que seja necessário à mina. Você tem de ter muita atenção ao stock de provisões, porque não estamos em*

Londres, nem sequer em Lisboa ou no Porto. Aqui, as coisas levam muito tempo a cá chegarem. São semanas e, às vezes, um mês. Tudo depende do produto, dos materiais. É uma grande responsabilidade ter este armazém à sua guarda. Tudo o que aqui chega vai directo para este armazém. A única excepção são os explosivos, que são guardados num pequeno armazém próprio para o efeito e que é a construção mais afastada do centro da mina, por razões de segurança. Cabe também a si a guarda dos explosivos.

Thomas não fez qualquer pergunta, mais preocupado em ir fixando o que o Director lhe dizia.

No interior do armazém, Thomas tomou contacto com o seu posto de trabalho. Tinha uma secretária à sua disposição, parecida com a do próprio Director. Ao contrário da casa da administração, o armazém era desconfortável. Sentia as correntes de ar e, quando fizesse frio a sério, teria de se vestir, talvez, como um esquimó.

– Senhor Thomas, regressemos agora ao meu escritório, para falarmos sobre a mina e sobre si.

Charles Milles sentou-se à secretária e o mesmo fez Thomas Poole.

– Vou começar por lhe apresentar a mina. Esta mina explora minérios de ferro, especialmente magnetites, donde se espera extrair o ferro necessário para, pelo menos, permitir a viabilidade da mina nos primeiros anos de exploração. Se isso acontecer, a mina poderá ter um grande futuro. Se, pelo contrário, tal não for possível, a mina terá de ser encerrada, o que ninguém quer. Para tal é necessário que todos nós nos esforcemos. A mina foi concessionada há, apenas, meio ano. A área do terreno é de cerca de 16,2 acres. Por sua vez, o terreno é propriedade da Companhia, pelo que não temos de pagar direitos alguns a proprietários.

Thomas ia anotando, apressadamente, as informações que entendia serem importantes, pelo que não tinha oportunidade de olhar para o Director, que continuava:

– O que há a pagar sobre o nosso saldo líquido é um imposto de 5% e 80 Réis por cada dez mil braças quadradas de concessão, cerca de 12 acres, o que, feitas as contas, dá um pagamento ao Reino de 108 Réis. Mas há uma coisa boa. É que nos dois primeiros anos de concessão a lei portuguesa isenta-nos do pagamento dos impostos.

– Na verdade, é óptimo. – corroborou Thomas.

– O plano da lavra⁵ da mina foi já aprovado, sem o que a concessão não

⁵ Lavra – processo ou trabalho de extracção dos minérios de uma mina e o seu transporte até ao seu destino. No essencial, há dois tipos de lavra: subterrânea e a céu

podia ser concedida à Companhia, e esse plano tem de ser rigorosamente seguido. Sabe, a mina é inspeccionada de vez em quando, apesar dos engenheiros que por cá aparecem terem uma formação muito deficiente nos aspectos geológicos. Por vezes, tenho vontade de rir, quando lhes ouço determinadas opiniões. Rebatê-las, tem de ser feito com muito cuidado para que não os melindremos.

– Calculo que não seja fácil. – comentou Thomas.

– Não, não é. Mas continuando. A lavra é subterrânea. Já foi aberto um shaft⁶ e um drift⁷, que segue encostado a um filão que, infelizmente tem grandes troços de possança⁸ pequena e grandes quantidades de gangas⁹. Mas estamos ainda a prosseguir a abertura do drift e talvez se obtenham maiores possanças.

– Portanto, tanto quanto posso deduzir, a rentabilidade da mina não está ainda assegurada. – comentou Thomas um pouco assustado.

– Não, ainda não está. Mas, como compreenderá, esse é um assunto que não deverá ser divulgada lá fora.

– Pode confiar em mim, senhor Director.

– Bem, vamos agora a assuntos mais directamente relacionados consigo. O senhor Thomas está alojado numa casa grande, em Borba. A Companhia resolveu proporcionar aos integrantes da Direcção da Mina um alojamento condicente com a sua condição. Dentro em breve, o engenheiro, que ainda não conheceu, mudar-se-á também para a mesma casa. O senhor Wenceslau Casimiro vive numa outra casa e talvez possa mudar-se também. Ainda não sabe. Quanto a mim, permanecerei onde vivo, em Borba. Calculo que não tenha problemas em viver com mais uma ou duas pessoas funcionários da mina.

– De forma nenhuma. – respondeu Thomas com menos convicção do que aquela que pretendia mostrar.

– Relativamente aos pagamentos, o pessoal operário, mineiros, safreiros, guincheiros¹⁰ e entivadores¹¹, recebem à jorna, e trabalham oito horas diárias, por turnos. A Companhia paga ao contratista, que é quem lhes paga. O con-

aberto. A escolha do método tem um papel fundamental na análise económica de uma mina.

⁶ Drift – galeria numa mina subterrânea.

⁷ Shaft – poço numa mina subterrânea, destinada a proporcionar o acesso às zonas subterrâneas em exploração.

⁸ Possança – espessura de uma camada ou de um filão, numa mina.

⁹ Gangas – minerais sem interesse que acompanham os minérios em exploração.

¹⁰ Guincheiro – quem manobra os guinchos

¹¹ Entivador – quem corta a madeira e a coloca, para escoramento, em minas.

tratista é só um e trabalha também na mina. O engenheiro, o senhor Thomas e eu recebemos mensalmente e trabalhamos dez horas diárias. O capataz trabalha também oito horas diárias e recebe mensalmente.

– É o normal em Portugal?

– Pelo menos nas minas, sim. Nalgumas minas, o pessoal de superfície trabalha doze horas. – respondeu Charles Milles.

Thomas estava habituado a trabalhar, mas dez horas seguidas, todos os dias, entendia ser demasiado. Contudo, longe dele exprimir-se sobre o que pensava sobre este assunto.

– Em relação ao que aqui se recebe, o Director é, naturalmente, quem recebe mais, seguindo-se o engenheiro, o capataz e o senhor Thomas. Os mineiros recebem um pouco mais do que os safreiros e os guincheiros são os últimos da lista. Não o vou informar sobre o que cada um da Administração recebe, mas o senhor Thomas Poole terá uma remuneração mensal de trinta mil réis, o que perfaz, ao fim do ano, trezentos e sessenta mil réis.

Thomas não tinha, ainda, qualquer ideia sobre o que valia esse recebimento. Se conhecesse quanto recebia o Director, teria, por comparação, uma ideia sobre o que valiam 30\$000. Não tivera a oportunidade de perguntar a um português o custo de algo que lhe permitisse uma comparação com o seu futuro recebimento. Teria de o fazer rapidamente, quanto mais não fosse porque seria necessária uma gestão cuidada dos seus custos pessoais. Lembrou-se que, talvez, a Maria lhe pudesse fornecer indicações úteis sobre este assunto. Mas, numa semana, só teria um dia para a encontrar em Borba.

– Senhor Thomas, tenho a acrescentar que o início diário do trabalho é às sete e meia para a Direcção e trabalhadores de superfície, sendo a saída às cinco e meia. O dia de descanso é ao Domingo. Já agora, digo-lhe também que os trabalhadores da contramina trabalham oito horas e meia, por turnos. O primeiro relevo é das sete da manhã às três e meia da tarde, começando o segundo uma hora depois e terminando à uma da manhã. Daqui até à entrada do primeiro turno, a mina está inactiva. Em relação à comida, temos uma cozinha e as refeições podem ser comidas aqui na mina, na cantina. São duas as refeições diárias, o almoço e o jantar, com uma hora para cada. O jantar, por ser servido às cinco e meia da tarde, a hora de saída, é facultativo. O almoço é do meio dia à uma da tarde. A comida não é muito variada e não tem nada de parecido com o que poderá estar habituado em Inglaterra, mas irá apreciar, estou certo. Eu também como a mesma coisa que todos os outros membros da Direcção. Por agora é tudo. O senhor Thomas tem questões a colocar?

– Senhor Director, estou esclarecido sobre tudo quanto desejava saber, mas, se me permite, há outras duas questões que lhe desejo colocar.

– Faça favor.

– No meu trabalho de fiel de armazém, em que unidades devo referir as medidas.

– Tem toda a razão. As unidades de medida deverão ser as inglesas. Para o efeito, numa das gavetas da sua secretária tem uma lista de conversão das unidades usadas actualmente em Portugal e das unidades inglesas. Não se esqueça de que a Companhia é Inglesa. Fala-se por aí que Portugal vai alterar todo o seu sistema de unidades de medida, acompanhando alguns outros países, adoptando o sistema métrico. Mas, neste país, é tudo muito lento e entre o falar e o fazer vai muito. É tudo?

– Sim, senhor Director.

– Pode então tomar o seu lugar. Deverá começar por fazer um levantamento de todas as existências, não se esquecendo dos explosivos. Outra coisa. Todas as semanas haverá uma reunião da Direcção. O senhor Thomas deverá preparar um relatório para ser apresentado nessa reunião semanal. Em princípio, a reunião semanal da Direcção é feita às 9 horas de todas as sextas feiras.

– É natural que, nestes primeiros dias, tenha várias dúvidas. Com quem devo esclarecer-me, senhor Director?

– Tudo depende dos assuntos, mas certamente que o senhor Wenceslau está apto a tirar as suas dúvidas, senhor Thomas. Se assim não for, procure-me.

– Obrigado.

– Já sabe, a hora de saída é às cinco e meia da tarde. Neste momento são dez horas. Encontramo-nos ao almoço, altura em que a sirene soará para a chamada. Agora, pode começar o seu trabalho. Até já.

– Até já.

Thomas ficou sozinho. Sentou-se na sua cadeira de secretária e, após uns breves momentos de inação, resolveu-se a dar uma volta a todas as gavetas da secretária. Havia dois grandes blocos de folhas impressas destinadas a assentar tudo o que deveria. Eram seis gavetas e quatro delas estavam totalmente vazias. Arrumou os documentos que tinha trazido consigo dentro de uma delas. Sobre a secretária havia dois tinteiros, um de tinta preta e outro de tinta vermelha, e o mata borrão. Os aparos estavam arrumados numa caixa, e as penas noutra, ambas dentro de uma das gavetas. Um sinete estava também pousado sobre a secretária. Thomas não entendeu a razão de ser desse sinete, mas talvez fosse para chamar algum eventual futuro ajudante.

Levantou-se e pendurou a sua cartola e o seu sobretudo num bengaleiro metálico, existente, junto à porta de entrada.

Depois, mais à vontade, decidiu-se a examinar, em pormenor, as existências guardadas no armazém. Mais tarde, talvez no dia seguinte, começaria a fazer o levantamento solicitado pelo Director da Mina.

Foram-se deparando a Thomas uma série de artigos primários e de pequenos equipamentos, ferramentas e azeite. As ferramentas empregues pelos mineiros na extracção não eram muitas, o que intrigou Thomas. Viam-se alguns espigões com ponta de aço, picos, marrilhos e brocas, mas em pequena quantidade.

Madeira havia muita. Era certamente para utilização do entivador, para o escoramento, e do carpinteiro. Faria a medição das dimensões das peças.

Azeite também havia bastante, mas Thomas não tinha qualquer indicação sobre o seu consumo diário em toda a mina.

As correntes metálicas para os guinchos, também marcavam presença, assim como guinchos de reserva.

Viu também diversas barras de ferro, de diferentes dimensões e secções. Até ferraduras existiam.

Noutra secção, estavam armazenadas dezenas de alcofas e alcofonas.

Thomas já tinha dado uma volta ao armazém e decidiu-se a visitar o depósito dos explosivos. Fechou a porta do armazém à chave e dirigiu-se ao barracão onde a pólvora estava armazenada. Atravessou uma boa parte da área concessionada até lá chegar. Alguns trabalhadores acenaram-lhe, cumprimentando aquele desconhecido. Thomas respondeu-lhes, também com acenos de mão. Alguns deles eram crianças dos seus dez, doze anos. Trabalhavam à superfície, outros eram aguadeiros, acarretando pesos excessivos para a sua idade. Thomas teve pena, mas pensou para consigo “*é a vida*”. Provavelmente só com a ajuda do trabalho destas crianças a família poderia ter comida para todos. Com estes pensamentos, Thomas chegou finalmente ao barracão. Abriu a porta. Não fazia a ideia da enorme quantidade de explosivo existente. Ignorava a frequência dos desmontes na mina. Talvez fossem muitos, para justificar tamanha quantidade de pólvora. O barreneiro teria de lhe dar conta das suas necessidades, para que Thomas pudesse dar conta dos gastos de pólvora.

Thomas levou a manhã a tomar contacto com o armazém, anotando que materiais ia encontrando, escrevendo as suas dúvidas e que pretendia esclarecer em ocasião adequada.

Quando o “búzio” tocou. Thomas tirou o seu relógio de corrente, do bolso do colete e confirmou que se tratava do anúncio da refeição. Era meio dia.

Quando chegou à cantina, só lá estava um indivíduo.

– *Pode sentar-se aqui.* – convidou o indivíduo, num inglês perfeito, sem sotaque.

– *Agradeço.* – respondeu Thomas.

– *Penso que seja o fiel de armazém, de quem a mina necessitava.*

– *É verdade.*

– *Bom. Eu sou o engenheiro da mina. O meu nome é David Lamb. E qual é o seu nome?*

– *Thomas Poole. Mas, se me permite, o seu apelido fez-me regressar a Hackney, onde eu vivia, antes de vir para Portugal. O senhor David Lamb conhece um poeta Charles Lamb?*

– *Já ouvi falar. Acho que é um poeta. Mas não sou familiar dele. Porque me faz essa pergunta?*

– *É que Charles Lamb é um filho de Hackney de onde vim.*

– *Bom, bom. Estou a ver que temos aqui uma conversa intelectual! Um engenheiro e um fiel de armazém a falarem de poesia! Imaginem!* – interrompeu, jocosamente, o Director, esfregando as mãos.

Thomas levantou-se embaraçado.

– *Sente-se, homem.* – comandou o Director, que continuou:

– *Já vi que se apresentaram, você e o engenheiro. Bom. Agora, senhor Thomas, já conhece toda a Direcção que é constituída por quatro pessoas apenas. O senhor Wenceslau deve estar a chegar, mas podemos começar a comer.*

– *E os operários, comem depois de nós?* – perguntou Thomas, a medo.

– *Nada disso. A estas horas já devem estar a meio. Comem no interior da mina, quando o tempo está mau, ou no exterior, quando está de feição. Agora, estão cá fora. Sabe, senhor Thomas, essa gente não é de exigências. Um pão e umas duas sardinhas, um pouco de queijo de cabra e umas azeitonas e estão comidos. Nem precisam de cadeiras. Sentam-se no chão, geralmente sob o poço, quando o tempo está mau, para terem mais luz e é suficiente. E, se a luz não chegar à galeria, há os candeeiros de azeite. Não há razões para protestos. Não acha senhor Thomas?*

– *Peço desculpa, mas só estando na posição deles eu conseguiria responder. É-me difícil emanar uma opinião sem ter qualquer experiência para o poder fazer.*

– *Senhor Thomas, não pense que esta mina, ou qualquer outra, mesmo na nossa Inglaterra, é um local desejável para se trabalhar e, muito menos como empregado, seja mineiro, safreiro ou entivador. E não será o senhor a mudar a situação. Entendido?*

– Com certeza. Peço desculpa se não me exprimi bem. – respondeu Thomas, contrafeito.

– Olhe que o pessoal até tem dez minutos, em dois períodos diários, um a meio da manhã e outro a meio da tarde, para fumar. – acrescentou o engenheiro.

– Pode ter a certeza de que, por vontade do contratista, os seus operários teriam direito a muito menos. Mas qualquer contratista que aqui seja admitido tem de obedecer às determinações da Direcção. – ufanou-se o senhor Lamb.

O capataz chegou entretanto, mas não a tempo de ouvir a conversa.

– Bom dia a todos. Ainda não começaram a comer, pelo que vejo.

– Assim é. – retorquiu David Lamb.

A refeição foi composta por uma açorda com sardinhas e azeitonas, acompanhada por vinho tinto. Thomas teve de fixar o termo “açorda” já que nenhum dos ingleses presentes encontrou um termo equivalente, na sua língua natal. O certo é que Thomas apreciou bem este manjar popular no Alentejo.

O senhor Charles Milles, pese embora a sua posição de Director, não assumiu o comando da conversa. Preferiu ouvir, concordar ou discordar, e sorrir quando fosse caso disso. Era uma forma de marcar a sua superioridade, em relação aos presentes. O engenheiro já o conhecia bem e pretendia tomar atitude semelhante, embora nem sempre o conseguisse. Aconteceu quando o capataz opinou sobre o facto do pessoal da contramina ser pago pelo contratista. Entendia que os pagamentos deviam ser feitos directamente, a cada um dos mineiros, barreneiros e safreiros e não ao contratista. Neste ponto, o engenheiro foi incapaz de manter o silêncio próprio dos que não estão para ouvir as atoardas que os ignorantes emitem sempre. Quase repreendeu o capataz.

– Não vê você que o regime de contratista permite à mina descartar trabalho desnecessário e reclamações dessa gente? E, acima de tudo, a contabilidade é muito mais simples. Já viu o que se poupa na discussão dos valores das jornas? Assim, esses problemas são problemas do contratista. – rিপostou, presunçoso, David Lamb.

O senhor Wenceslau Casimiro ouviu e logo percebeu que não devia replicar.

Thomas assistiu à conversa sem que se pronunciasse sobre o que quer que fosse. Apenas falou quando o Director lhe perguntou:

– Senhor Thomas Poole, eu sei que é demasiado cedo para lhe fazer a pergunta, mas não resisto a tal. Quais são as suas impressões nestas primeiras horas?

– *Senhor Director, conforme disse, é muito cedo para poder responder de uma forma assertiva. Mas ousou dizer que estou contente.*

– *Compreendo a sua cautela na resposta dada. Uma outra coisa. Aqui o nosso engenheiro irá alojar-se na casa em que o senhor Thomas está a viver, conforme já o tinha informado. É bom que o engenheiro o informe de quando fará a mudança, logo que o saiba.*

Thomas e o engenheiro anuíram.

– *Bem, agora vou fazer-lhe uma outra pergunta a que talvez ainda não saiba responder-me, senhor Thomas. Não me interessa conhecer a sua vida pessoal, mas, tendo em conta que a casa que a Companhia lhe cedeu para viver se destina a ser partilhada, pergunto-lhe se tenciona viver com a sua mulher, actual ou futura.*

Thomas sentiu-se verdadeiramente incomodado. Ele próprio não podia prever o curso futuro da sua vida familiar. No momento, não tinha qualquer mulher e nem sequer fora casado em Inglaterra. Mas o que poderia acontecer em Portugal, durante a sua permanência em Borba?

– *Senhor Director, por agora, sou solteiro. Mas desconheço o que está para vir.*

– *Bem, senhor Thomas, uma vez que não imagina o seu futuro próximo, tenho de o avisar de que na casa da Companhia não são admitidos familiares dos trabalhadores aí residentes.*

– *Tomarei nota dessa condição, senhor Director.*

Thomas voltou ao armazém com a sensação de que aquele primeiro dia no seu novo país, no seu novo trabalho, e com os seus novos patrões não estava a correr mal, mas que poderia ser melhor se tivesse o futuro a curto prazo assegurado. O futuro estava ainda distante. O que mais o preocupava era a subsistência da mina. Thomas apercebera-se de que a viabilidade daquela pequena mina não estava ainda, nem avaliada nem, muito menos, garantida. Caso a mina tivesse de ser abandonada, o seu futuro seria muito incerto. O que mais desejava, nessa eventualidade, seria o regresso a Inglaterra. Deveria precaver-se, desde já, contra os efeitos de uma eventual situação como essa. Contactar com o senhor Richard Flemming seria uma hipótese, com o fito de conhecer o que ele pensaria sobre o assunto.

Absorto nestes pensamentos, Thomas nem reparou que o capataz vinha a correr atrás dele, chamando-o. Ofegante, o senhor Wenceslau Casimiro chegou junto dele.

– *Você anda depressa, com os raios!*

– *Eu?*

– *Quería falar-lhe. Mas o melhor é entrarmos no armazém.*

Thomas abriu a porta e sentaram-se os dois à secretária.

– *Diga então, senhor Wenceslau.*

– *Bem, isto é um assunto difícil e espero que o senhor Thomas não leve a mal.*

– *Não entendo.* – observou Thomas.

– *É um pedido que lhe quero fazer. Nem sei como começar.*

– *Não tenha medo. Comece, por favor.*

– *Bom, antes do mais, queria ter a certeza de que esta conversa fica, apenas, entre nós.*

– *Isso depende do assunto. Mas arrisque.* – incentivou Thomas,

– *Senhor Thomas. Como sabe, sou eu quem controla, praticamente, todo o trabalho na mina, com excepção do engenheiro e do senhor Thomas, pessoas a quem apenas controlo as horas de entrada e saída, dando conta ao Director as infracções cometidas.*

– *Sim.*

– *Pois é, mas apesar de toda a responsabilidade inerente à minha função, o que me pagam é muito pouco.*

– *Sim, continue.* – disse Thomas franzindo a testa e acomodando-se na cadeira.

O senhor Wenceslau Casimiro, com o propósito de encurtar a distância para o seu interlocutor, arrastou a cadeira dele para junto da secretária, sobre a qual se debruçou.

– *Proponho-lhe então, senhor Thomas, que a troco de umas poucas moedas mensais, eu faça vista grossa sempre que o senhor se atrase na entrada ou que tenha de sair mais cedo.*

Atónito e escandalizado, Thomas não acreditava no que ouvia, admitindo mesmo não ter entendido o que lhe havia sido dito e exigiu do capataz que repetisse tudo. Bastante embaraçado, o capataz repetiu tudo, mas com bastante menos expectativas.

Thomas teve, então, a certeza do que queria o malandro que estava na sua frente.

E Thomas quis saber até onde ia a chantagem do senhor Wenceslau.

– *Também pediu o mesmo aos mineiros e aos safreiros? E ao engenheiro?*

– *Aos mineiros não, mas ao contratista sim. Assim poderão não fazer turno de oito horas. O contratista aceitou. Sabe, o senhor é estrangeiro, e em Inglaterra não terão as mesmas dificuldades que há aqui. Por isso, não são invulgares as propostas como a que lhe estou a apresentar.*

– *O que fará, caso eu denuncie esta sua proposta ao senhor Director?* – quis saber Thomas.

– *Por favor, senhor Thomas Poole, não me desgrace. Trabalho há vários anos com o Director e ele tem muita confiança em mim. Não me desgrace.*

– *Claro que eu não aceito a sua proposta! E quanto à denúncia junto do senhor Charles Milles, ainda vou pensar. Terei muita dificuldade em não o fazer, aviso-o já. Agora saia, por favor. Tenho de trabalhar.*

O capataz, cabisbaixo, levantou-se e, cheio de salamaleques, saiu do armazém, cuja porta Thomas lhe fechou nas costas, com estrondo.

Os dias passavam sem sobressaltos. Eram, até, monótonos. Na mina, os conflitos, que os havia com alguma frequência, passavam ao lado de Thomas, refugiado no armazém e na sua função de fiel de armazém. Aos olhos de Thomas, eram pequenas guerras, entre pessoas pequenas. Mas faltava-lhe uma vivência maior em Portugal para poder perceber que aqueles conflitos, na mina, eram a expressão de uma luta pela sobrevivência. A Direcção punha-se à parte, não intervindo. Entendia que as guerras entre os operários do subsolo e entre eles e o contratista tinham de ser resolvidas apenas por este. Perante a Direcção, o contratista era o único responsável. Era uma posição cómoda e a que o regime de trabalho dos mineiros e safreiros, acordado, dava cobertura. Se destas lutas resultasse sangue, a Direcção só esperava que o contratista garantisse a prossecução dos trabalhos, caso contrário, ele próprio, com todo os seus trabalhadores, poderia ser despedido. Mas, de facto, essas guerras surgiam, maioritariamente, das reclamações dos trabalhadores quando o valor da jorna, a ser pago, era inferior ao acordado com o contratista, alegando, este, falta de qualidade ou lentidão no trabalho efectuado nesse dia. Muitas vezes, perante acusações deste tipo, o acusado remetia as culpas para o companheiro de turno e, assim, nasciam os conflitos entre colegas de trabalho. Thomas não via, ou preferia não tomar a atenção, ao cansaço sistemático a que eram submetidos os trabalhadores do subsolo. Era-lhes exigida enorme e permanente força braçal, comiam mal, tendo pouco tempo para o fazer, sentados no chão, respiravam todo o pó que o avanço da galeria produzia, enquanto suportavam altas temperaturas no interior da mina, que chegavam facilmente aos quarenta graus centígrados, especialmente no Verão alentejano. E ao fim do dia recebiam, de jorna, um valor que não dava sequer para a alimentação da família nesse dia. Thomas ignorava tudo isto e ainda não se apercebera que, a grande maioria destes mineiros e safreiros e barreneiros, trabalhava, complementarmente, na agricultura, para, dessa forma, poder juntar mais uns réis à jorna da mina e, assim, alimentar a família. Perante tal cenário, as reivindicações do pessoal do subsolo eram lícitas e não constituíam amuos ou exercícios de poder

mesquinho, como Thomas as interpretava. Thomas só os poderia compreender quando soubesse o valor da jorna que eles recebiam e o comparasse com o do seu salário mensal, que ele já tinha sentido ser muito apertado, face às necessidades.

Entretanto, o engenheiro, o senhor David Lamb, mudou para a casa cedida pela Companhia para Thomas morar, tal como estava previsto. A mudança fez-se sem aparato algum, mas, ainda assim, juntaram-se, na rua da Colla, algumas mulheres, encostadas à parede, que falavam com a vizinha da frente, postada a uma das janelas. Cavaqueavam, olhavam para os senhores David e Thomas, faziam perguntas à mulher da janela, tornavam a olhar e riam. Thomas acenou-lhes, pensando que, envergonhadas, as mulheres desmobilizassem. Mas o efeito foi contrário ao esperado. Algumas delas atravessaram a rua, com ar de satisfação e aproximaram-se dos dois homens:

– *Então, senhor Tomás, este senhor aqui também é da mina?*

Thomas, que já entendia alguma coisa de português, respondeu:

– *É, é.*

– *E vem viver com o senhor Tomás?*

– *Viver na casa. A casa é da Companhia.* – respondeu Thomas.

As mulheres riram.

– *Olha, o outro estrangeiro vem viver aqui também!* – gritou uma das mulheres para a que estava à janela.

Entretanto, os dois rapazes que o engenheiro trouxera para carregarem os seus haveres, estavam a terminar a tarefa. O engenheiro deu-lhes umas moedas, após o que puseram a carroça em movimento.

Thomas achou por bem reentrar em casa, que mostrou ao engenheiro. Este escolheu um dos quartos, por curiosidade, contíguo ao de Thomas.

– *Excelente casa, esta.* – foram as únicas palavras de David Lamb sobre a sua nova casa.

– *Como é que costuma ir para a mina?* – perguntou Thomas

– *Vou sempre na minha égua. Já vi que há uma cavalariaça.*

– *Se quiser, podemos ir juntos.* – sugeriu Thomas.

– *Não é má ideia. Eu conheço bem esta rua. Ali, mais adiante, é o boticário, o senhor Miguel. Já o conhece?*

– *Sei onde é o boticário, mas não o vi ainda. Um destes dias terei de o conhecer. Talvez o senhor David mo possa apresentar.* – sugeriu Thomas.

– *Assim farei, quando quiser. É conveniente ser no dia de folga.*

A Maria da Conceição estava mais próxima, pensou Thomas.